



A MULTIEDUCAÇÃO NA SALA DE AULA

PEJA I
História e Geografia



O Núcleo Curricular Básico – Multieducação

chegou às escolas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em 1996. Embora seja norteador da prática educacional, permite e incentiva, a partir de sua concepção e orientação, que cada Unidade Escolar desenvolva o seu trabalho pedagógico com base na identificação das características peculiares de sua comunidade. É um guia curricular aberto e inovador.

O mundo se transformou. Mudanças significativas ocorreram.

Novas descobertas foram feitas em todos os campos do conhecimento.

Os reflexos dessas transformações também podem ser vistos na área educacional. Nessa perspectiva, é que estamos propondo os fascículos de Atualização do **Núcleo Curricular Básico – Multieducação**, que não têm como objetivo substituir o guia lançado anos atrás e sim propor novos diálogos, rever alguns conceitos, acrescentar temáticas e ampliar propostas anteriormente discutidas.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

CESAR EPITÁCIO MAIA

Secretaria Municipal de Educação

SONIA MARIA CORRÊA MOGRABI

Subsecretaria

ROJANE CALIFE JUBRAM DIB

Chefia de Gabinete

MARIZA LOMBA PINGUELLI ROSA

Assessoria Especial

SYLVIA REGINA DE MORAES ROSOLEM

Assessoria de Comunicação Social

LÉA MARIA AARÃO REIS

Assessoria Técnica de Planejamento

LUIZA DANTAS VAZ

Assessoria Técnica de Integração Educacional

PAULO CESAR DE OLIVEIRA REZENDE

Departamento Geral de Educação

LENY CORRÊA DATRINO

Departamento Geral de Administração

LUCIA MARIA CARVALHO DE SÁ

Departamento Geral de Recursos Humanos

MARIA DE LOURDES ALBUQUERQUE TAVARES

Departamento Geral de Infra-Estrutura

JOSÉ MAURO DA SILVA

Redação Final

GIANE MOREIRA DOS SANTOS PEREIRA
JAQUELINE LUZIA DA SILVA
PAULA DA SILVA VIDAL CID

Elaboração de texto de Apoio

ABIGAIL CARDOSO AGUIAR
ALESSANDRA SILVA DOS SANTOS
ANDREA DA PAIXÃO FERNANDES
ANDREIA CRISTINA DA SILVA SOARES
DILMA CAPTI DE MEDEIROS
EDNA DOMINGUES P. DOS SANTOS
ELIZABETH M. DA COSTA ALVES
ELIZETE MORIÃO DE CARVALHO
FABÍOLA CRUZ DE SOUZA
FELICIDADE CLÁUDIA MAGALHÃES
JANAÍNA DE AZEVEDO CORENZA
JANETE DE FARIAS
LILIAN DE ALMEIDA
LUZIA MARIA SCIMMARELLA PEREIRA
MARCIA CRISTINA CARLOS
MARIA DE FÁTIMA BULHÕES C. FREIRE
MARLUCIA GIMENES DE CASTRO
MIRTES L. BANDEIRA
SANDRA HELENA DE OLIVEIRA
SANDRA M. S. DECEMBRINO CALDAS
TEREZA CRISTINA DE FARIAS MOORE
WALNISE DE BRITO

Agradecimentos

ÀS ESCOLAS MUNICIPAIS PELA CESSÃO DAS IMAGENS.
AOS ALUNOS DO PEJA I PELA CESSÃO DE DEPOIMENTOS.
À PROFESSORA SONIA DE VARGAS PELA CONSULTORIA E VALIOSA
CONTRIBUIÇÃO NOS ORIGINAIS.
À PROFESSORA TERESA DAS GRAÇAS RENO PELA COORDENAÇÃO DO GRUPO
DE TRABALHO.
AOS PROFESSORES CECÍLIA VAZ CASTILHO, DOMINGOS NOBRE E MARIA CECÍLIA
DE CASTELLO BRANCO PELA REVISÃO DA REDAÇÃO NAS ÁREAS ESPECÍFICAS.
ÀS PROFESSORAS QUE PARTICIPARAM DA ELABORAÇÃO DO TEXTO, COM SUAS
LEITURAS E EXPERIÊNCIAS QUE TANTO ENRIQUECERAM NOSSA CAMINHADA.
A TODOS OS PROFESSORES QUE ATUAM NO PEJA I, PELA DEDICAÇÃO E
ENVOLVIMENTO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Créditos Técnicos
Coordenação Técnico-Pedagógica

LENY CORRÊA DATRINO
MARILA BRANDÃO WERNECK
NUVIMAR PALMIERI MANFREDO DA SILVA
ANTONIO AUGUSTO ALVES MATEUS FILHO
MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA
CARLA FARIA PEREIRA

Equipe do Programa de Educação de Jovens e Adultos

CARMEN MARIA SOARES AROZO VIEIRA DA SILVA
CRISTINA NUNES DE SANT'ANNA
FLORA PRATA MACHADO (SUPERVISORA)
JAQUELINE LUZIA DA SILVA
KATIA REGINA DAS CHAGAS MOURA
LENITA COTECCHIA BRANDÃO
MARIA DAS GRAÇAS MEIREIS PEDRA
MARIA LUIZA ASSUMPTÃO SILVA
MARIA LUIZA LIXA DE MENDONÇA
MARLUCY DOS SANTOS VASCONCELLOS
MAURICEIA DE SOUZA COSTA
ROSA MARIA PIRES DE FREITAS
SÔNIA SALGADO MARTINS
VANDA MARIA DE MATTOS MENDES

Equipe de Apoio

MARILENE MARTINS DE CARVALHO BARBOSA
SANDRA CONTI PADÃO
LAÍLA DE PAIVA PEREIRA

Criação de Capa e Projeto Gráfico

TELMA LÚCIA VIEIRA DÁQUER
DALVA MARIA MOREIRA PINTO

Fotografia

ARQUIVO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Editoração Eletrônica e Revisão

PADOX - COMUNICAÇÃO

Supervisão e Produção Gráfica

GRÁFICA POSIGRAF

Impressão

GRÁFICA POSIGRAF

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação: PEJA I - História e Geografia**. Rio de Janeiro, 2007. (Série A Multieducação na Sala de Aula)

Aos professores da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro

Em 1996, o Núcleo Curricular Básico MULTIEDUCAÇÃO foi encaminhado a toda Rede Municipal de Ensino da Cidade do Rio de Janeiro, tendo como pressuposto “lidar com os múltiplos universos que se encontram na escola” (NCBM, p. 108), buscando a unidade na diversidade.

Na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos, procuramos desenvolver um trabalho de qualidade, promovendo a aprendizagem e privilegiando uma proposta que traz para dentro da escola a vida, o dia-a-dia, o mundo. Esse mundo passa por constantes transformações e a escola precisa acompanhar essas mudanças. Por isso, a necessidade de atualização do Núcleo Curricular Multieducação, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais em seus Princípios Éticos, Estéticos e Políticos.

Fazemos parte da história da educação da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. História de uma rede coordenada por uma Secretaria Municipal de Educação, formada por 10 Coordenadorias Regionais de Educação, abrangendo 1055 Unidades Escolares, 241 Creches, 20 Pólos de Educação pelo Trabalho, 9 Núcleos de Artes, 12 Clubes Escolares, 1 Centro de Referência em Educação Pública, 1 Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos e o Instituto Helena Antipoff – Referência em Educação Especial, compreendendo funcionários, professores e alunos.

É uma história marcada por lutas, sonhos, projetos e que vem objetivando a garantia do acesso, permanência e êxito escolar de todas as crianças que, como alunos desta rede, têm o direito à livre expressão, à interação com os seus pares, ao diálogo com os professores, direção e outros profissionais, exercitando, assim, a sua cidadania.


Acreditando na democracia é que optamos pela valorização da representatividade como um dos eixos desta gestão, identificada na

formação de diversos grupos: Conselho de Dirigentes, Conselho de Diretores, Conselho de Professores, Conselho de Alunos, Conselho de Funcionários, Conselho de Responsáveis, Conselho Escola-Comunidade, Grêmios, Comissão de Professores e Representantes dos Coordenadores Pedagógicos. Desta forma, estabelecemos com a comunidade escolar um processo dialógico, desde 2001. Foram ouvidas múltiplas vozes: da comunidade escolar e das Coordenadorias Regionais de Educação. Expectativas, conceitos, críticas e sugestões foram apresentadas. Foi nosso objetivo instaurar um tempo de gestão participativa, valorizando as muitas experiências que emergem do campo e as histórias do cotidiano dos diversos atores envolvidos no cenário educacional da cidade do Rio de Janeiro.

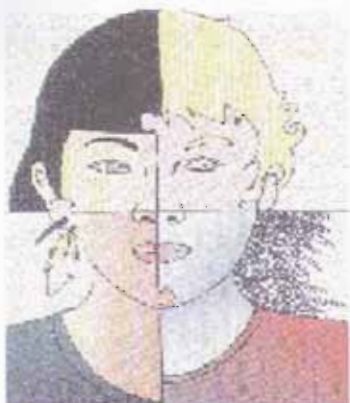
A partir dos encontros com esses diferentes segmentos, várias sugestões de temas para a atualização da Multieducação foram encaminhadas. Elencamos os temas prioritários, a partir das proposições feitas, sendo aceitos e incorporados às duas séries publicadas: “Temas em Debate” e “A Multieducação na Sala de Aula”.

Dentre as diversas ações da Secretaria Municipal de Educação na produção dos fascículos, destacamos o trabalho dos professores na elaboração dos textos. Sendo assim, houve fóruns de professores da Educação Infantil, Grupos de Estudos dos professores regentes de Sala de Leitura, Grupo de Representantes de professores das diversas áreas do conhecimento e de professores da Educação de Jovens e Adultos.

Esperamos que a discussão do material produzido continue em todos os espaços das Unidades Escolares, das Coordenadorias Regionais de Educação e nos diversos Departamentos do Órgão Central, permitindo reflexões e conclusões.


Sonia Maria Corrêa Mlograbi
Secretária Municipal de Educação

CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO AS TRAJETÓRIAS HUMANAS



*Eu vejo o futuro repetir o passado.
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não pára
Não pára, não.
Não pára*
Cazuza

O que a memória amou fica eterno.
Adélia Prado

Assim, é preciso trilhar caminhos na estrada dos conhecimentos das áreas de História e Geografia na EJA – aqui denominadas *Estudos da Sociedade* –, percebendo que o tempo e o espaço não param de se transformar. Todos os caminhos já percorridos pela humanidade trazem uma história para contar. É essa história, percorrida e construída por todos, nos diferentes tempos e espaços já transformados ou em processo de mudança, que pretende ser objeto de estudos dos jovens e adultos da EJA, objetivando que cada um se sinta criador desta história, enquanto sujeito que se locomove no tempo e no espaço.

Minha infância foi muito boa, eu gostava de ser criança e brincava muito. Quando eu era criança gostava de correr e gostava de subir nas árvores. Quando meu pai ia pescar, ia com ele para andar na água, para pegar peixes a noite toda. Todas as noites eu gostava de ir com ele. Até hoje eu me lembro da minha infância.

Maria do Carmo Barros – PEJA I Bloco 1

Trazemos na bagagem de nossa história, as lembranças de onde estivemos e as marcas do que vivemos na caminhada. E são justamente

essas marcas e lembranças que dão sentido a nossa trajetória e nos ajudam a escolher novos caminhos. “É pois essa viagem permanente entre o passado e o presente, entre o hoje e o ontem que nos permite conhecer e compreender a trajetória humana. Esse conhecimento é, entretanto, sempre reconstruído.” (MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p. 170).

Os *Estudos da Sociedade* serão compreendidos e trabalhados no PEJA na perspectiva do resgate da identidade pessoal e coletiva, com a introdução e compreensão de vários conceitos como tempo/espço/trabalho, nos quais estão intrinsecamente outros como transformação /autoria/inserção social, na intenção de fazer suscitar no público da EJA, a **MEMÓRIA** de suas trajetórias de vida como premissa para avançarmos em outras discussões.

No Brasil, esta realidade resulta do caráter subalterno atribuído pelas elites dirigentes à educação escolar de negros escravizados, índios reduzidos, caboclos migrantes e trabalhadores braçais, entre outros. Impedidos de plena cidadania, os descendentes destes grupos ainda sofrem as conseqüências desta realidade histórica. (CURY, 2002, p. 33-34).

Incentivar a memória histórica do grupo com o qual trabalhamos e, ao mesmo tempo, estimular a memória individual é dar significado ao tempo e à própria história pessoal e coletiva. O tempo de nossa infância, o tempo de solteiro, o tempo da nossa avó... Significa mergulhar na construção da nossa própria **IDENTIDADE**.

Seria até mais fácil se memória fosse considerada aqui como capacidade de armazenamento de dados no cérebro, mas esta palavra tem outro sentido para a educação: refere-se à possibilidade de recorrer à história pessoal e coletiva para a explicação de alguns elementos do presente.

Embora pareça, não é uma tarefa simples. A sociedade atual privilegia rapidez e produção, superficialidade e quantidades. Não há muitas brechas para o movimento de escuta e de expressão de nossas memórias. Quantos de nós já ouvimos a frase: *Esqueça. O que passou, passou*. No entanto, podemos compreender o presente sem o passado? Existimos sem o passado? Nossa história inicia-se com nosso nascimento? Ao negarmos memórias e histórias, negamos a nós mesmos, negamos o presente, negamos o futuro. Deixamos de lado aquilo que somos

enquanto sujeitos e não construímos um sentimento tão importante e raro na atualidade, que é o de pertencimento. Pertencimento ao mundo, a si mesmo e ao outro.

Dessa forma, o compromisso do professor do PEJA é grande, no sentido de reconhecer em seus alunos histórias de negação e, ao mesmo tempo, de resistência e superação.

De Vargas (2003) sinaliza a dupla negação quando analisa a entrada desses alunos na escola e ao serem confrontados os seus saberes com os saberes da escola, mais uma vez eles não são respeitados nos seus modos de ver e compreender a realidade e, pior que isso, seus saberes adquiridos ao longo de suas existências não têm validade alguma.

Quem não tem memória, não conhece a sua história e conseqüentemente não conhece e nem valoriza sua própria identidade. Este sujeito *sem memória e sem identidade* dificilmente se reconhece como agente transformador da história e de seu destino. Muitas vezes, essa postura muitas vezes, torna-o um naufrago em meio ao mar revolto dos formadores de opinião.

A identidade conceituada pela Multieducação vai ser definida por meio da prática do cotidiano. Ela será constituída na medida em que a criança, o jovem, o adulto tiverem a possibilidade de se verem como **PESSOAS** que integram um grupo, possuindo características próprias, e por meio das relações de trocas se apóiam, partindo da relação inter e intrapessoal, que determina essa singularidade.

A identidade tem um rosto, uma expressão, um discurso; ela se forma e se transforma no contexto das interações sociais através de mediações entre a consciência individual e a organização social. Se considerarmos, porém que a própria consciência individual se constitui socialmente, a constituição da identidade está ligada a situações históricas e sociais. (MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p. 136).

É por isso que o ensino da história e da geografia precisa passar pelo conhecimento do **SUJEITO**, inserido em seu tempo e espaço. Deve-se, ainda, nestas áreas do conhecimento, desvelar os vários papéis que desempenhamos em diferentes grupos sociais e compreender as múltiplas subjetividades na organização da ordem estrutural e conjuntural em vigor.

História é vida, e a vida precisa ser construída e revisada na pluralidade das diferentes linguagens, trazendo à tona as semelhanças e diferenças, promovendo a ligação do particular ao geral, a partir do cotidiano, dos sentimentos e de situações de exclusão, coragem, revoltas, potência e impotência diante da ordem social estabelecida. Freire (2000, p. 117) nos oferece um alerta:

Não há possibilidade de pensarmos o amanhã, mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos em processo permanente de 'emersão' do hoje, 'molhados' do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face das injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética.

Sendo assim, por que não criar espaços em nossas salas de aula para que nossos alunos possam contar as suas histórias e exercitar a escuta de outras também, transformando esse espaço em um lugar de muita vida e muitas histórias expressas por cada um dos componentes do grupo?

Muitos destes jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, dentro dos mais diferentes estratos sociais, desenvolveram uma rica cultura baseada na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura de cordel, o teatro popular, o cancionero regional, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas e os registros de memória das culturas afro-brasileira e indígena. (CURY, 2002, p. 32).

A complexidade de nossas salas de aula é rica. Rica em oportunidade de construções a partir dela. O que precisamos pensar é: como nós, professores, lidamos com essas diferenças?

No espaço educacional, temos a responsabilidade de tomar cuidado para não reforçar essas diferenças, assumindo posturas ingênuas diante da diversidade cultural. Querer tratar o diferente como igual pode agravar desigualdades. "Temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza." (SANTOS, 1999, p. 45).

Inicialmente, é preciso considerar a cultura de origem e a experiência de vida dos alunos do PEJA como pontos de partida de uma prática pedagógica voltada para os reais interesses e necessidades dessa demanda, além disso, promover o diálogo entre os **JOVENS** e os **ADULTOS** que se relacionam em um mesmo espaço, com interesses diferenciados. *Os jovens vivem em outro mundo*, chegamos a afirmar e, provavelmente, este não é o mesmo mundo em que vivem os adultos.



CIEP Pablo Neruda – E/ 7ª CRE

O diálogo precisa ser ampliado, intensificado, não só entre JOVENS e ADULTOS, mas também entre todas as relações existentes em sala de aula – fundamentalmente, isso é a base onde se dá o processo de construção do conhecimento.

De Vargas (2003) aprofunda esse conceito de diálogo quando analisa quem são esses jovens e adultos pouco escolarizados ou que nunca passaram pela escola, mas que trazem uma bagagem riquíssima por terem vivido diversas experiências, construindo seus saberes fora do tempo e do espaço escolar. Por isso, o exercício contínuo desse diálogo é absolutamente necessário para uma proposta pedagógica engajada na nova realidade escolar desses alunos, não esquecendo de se estar sempre atento para fazer as ligações entre as diferentes áreas do conhecimento.

Caracterizar uma única identidade ou cultura juvenil é praticamente impossível. A facilidade com que a informação circula no mundo contemporâneo possibilita a comunicação e a partilha de muitas identidades culturais.

Vivemos hoje um período que muitos pensadores denominam de *pós-modernidade*, que se caracteriza por uma crise da modernidade, ou seja, a crise de todo um conjunto de idéias constituído entre os séculos XVI e XVIII, que procurava explicar a realidade a partir de uma lógica racional e científica. O cidadão *pós-moderno*, inclusive o jovem, tem a sensação de que todas as crenças e ideologias que serviram de base para a construção da sociedade atual falharam no seu propósito. Este tipo de pensamento produz na sociedade uma sensação de vazio derivado de um relativismo da ética e das práticas morais. Vemos prevalecer uma recusa aos ideais universais de igualdade, justiça e solidariedade, tão comuns no discurso pedagógico de muitos educadores. Segundo Libâneo (1999, p.183),

Diz-se que o colapso das utopias indica o fracasso das visões totalizantes de história e de sociedade. A sustentação deste discurso, todavia, tem levado à desmobilização da capacidade de resistência política às formas de exploração social vigentes e ao próprio acobertamento das relações de dominação, resultando no enfraquecimento dos movimentos sociais tradicionais, na apatia popular, na desconfiança no sistema político representativo.

Diante deste quadro, percebemos atualmente uma juventude, com gostos e atitudes múltiplos e ambivalentes, que identifica como ultrapassados os conteúdos que resistem aos novos “fluxos comunicativos”, estando a escola inserida neste contexto. Sendo assim, o nosso grande desafio é conseguir os necessários “vistos” para a viagem que é “dialogar e mesmo compartilhar dos sentidos culturais que são elaborados nas múltiplas redes sociais da juventude.” (CARRANO, 2000b, p. 5).

Reconhecer estas inúmeras identidades juvenis e se abrir para elas é fundamental para uma melhor comunicação nos espaços escolares e para a convivência com os diferentes.

Temos como papel em sala de aula pensar sobre os valores que estamos

ajudando a construir e a desconstruir e para isto é preciso perceber nossos alunos em sua totalidade, compreender que o que eles pensam não está dissociado do que sentem e do que são. Freire (1994) nos alerta quando diz “que acredita numa educação que respeita profundamente a unidade, a integridade cultural, a identidade cultural do aluno, e que por isso mesmo é a educação que respeita os conhecimentos com que o aluno chega à escola.”¹

Diante dessa concepção, é que iremos perceber quais são as possibilidades de sentidos nesse espaço-tempo da experiência escolar, do ponto de vista de todos os envolvidos no processo de construção de conhecimentos. É nesse movimento que se vê a importância do pensar a escola caminhando em busca de estratégias de como escutar/intervir/atuar.

O público da EJA, por seu histórico de evasão escolar, êxodo do local de origem e outras inúmeras dificuldades, anseia por compreender a sua história, sonha em ser feliz e conquistar sua real participação na sociedade. Desta forma, estudar as relações de trabalho, afetivas, políticas, sociais e culturais que se estabelecem em um determinado espaço, nada mais é do que integrar os estudos da sociedade numa proposta de trabalho do raciocínio histórico e geográfico dos alunos, a partir de suas experiências pessoais, agregando novas dimensões a estas experiências. O objetivo, nesta perspectiva educacional, não é que o aluno memorize nomes e datas, mas sim que desenvolva habilidades como argumentação, inter-relação de conceitos, escuta e expressão, inclusive de seus sentimentos, seus saberes, seus sonhos, sua cultura, suas diferenças...

¹ Entrevista de Paulo Freire para o Globo Ciência no Instituto Paulo Freire, 1994.

... MAS QUE ESPAÇO É ESTE?

O espaço da casa e o espaço da rua
O espaço privado e o espaço público
O espaço doméstico e o espaço político
O lugar do INVISÍVEL e o lugar do VISÍVEL
O lugar da MULHER e o lugar do HOMEM
Uma história de HERÓIS. E as HEROÍNAS?

(REDEH, 1999)

Se adotarmos o conceito de espaço social, produzido e reproduzido pelos homens na dinâmica histórica, a integração do espaço real com o espaço geográfico torna-se uma necessidade diante dos saberes ensinados na escola. Freire (2000, p. 33) defende esta linha de pensamento:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes? Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?

Uma das prioridades para os professores do PEJA deverá ser a de trabalhar a partir do espaço real dos alunos, porque isso lhes abre as portas para a compreensão do espaço geográfico contemporâneo, tarefa que exige uma aproximação dialética entre a teoria e a prática, a abstração e a concretude. Por isso, a importância do olhar atento, da atitude de escuta e da criação de espaços para que o diálogo se efetive.

O espaço do grupo e o espaço de cada um apresentam suas próprias representações, cada qual com seus significados, que se misturam e formam o *espaço do PEJA*.

Ao estabelecer conexões com a realidade, caminhando com os alunos no reconhecimento de suas próprias identidades, no tempo e no espaço em que vivem, a partir do conhecimento da trajetória humana, estaremos contribuindo para seu desenvolvimento não apenas cognitivo, mas também afetivo e social.

Pra que estudar o passado? Ele já passou, tá morto e enterrado.

Edvaldo Ramos – PEJA I Bloco II

Frases como esta são comuns de serem ouvidas nas salas de EJA. Vivemos o tempo do imediatismo, em que o que importa é o agora, aliás, vivemos *correndo contra o tempo* e acabamos esquecendo que conhecer e entender os acontecimentos históricos é fundamental para a construção da nossa identidade.

Cabe aos professores indagar de forma que os ajudem a pensar sobre como o passado está presente na vida de todos. Hannah Arendt (2004), filósofa contemporânea, chega a afirmar que o passado sequer passou...

TEMPO E VOCÊ QUEM É DONO DE QUEM?

Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou, mas tenho muito tempo, tenho todo o tempo do mundo.

Renato Russo

Nas civilizações passadas, o tempo era controlado pela natureza: época de plantar, época de colher, o momento em que o sol nasce e o momento em que o sol se põe... Já na civilização atual, especialmente com o capitalismo, o homem passou a controlar o tempo, numa outra dimensão: a hora de começar o trabalho, a hora de sair, o tempo que você precisa trabalhar para ganhar um salário... e assim estamos cada dia mais escravos do tempo, afinal de contas, na lógica capitalista, *tempo é dinheiro*.

Para o aluno que tem suas origens em cidades do interior, o tempo está vinculado à observação da natureza, fases da lua, estações do ano, tempo de colheitas e festas religiosas, diferentemente dos grandes centros urbanos.

Compreender o TEMPO como uma forma de organizarmos os acontecimentos, ajuda a entender a medida de tempo como uma forma de vermos a própria vida pessoal e coletiva. É uma maneira que inventamos para perceber e medir o passar das coisas que acontecem, no movimento próprio da vida. E a vida é feita de mudanças das coisas e de nós mesmos. (MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p. 142).

Educar é uma atitude política e, como tal, deve encaminhar o sujeito-autor da história para que este consiga aguçar sua consciência crítica. É preciso abrir as cortinas para que os educadores e educandos possam compreender que a história contada nos livros didáticos e nos documentos oficiais tem, muitas vezes, a visão dos vencedores e obedece

a uma concepção de tempo a partir dos fatos históricos europeus e norte-americanos.

Conhecer a história e a maneira como é construída significa ampliar conceitos e nos incluir nesse cenário histórico, implicando comprometimento com os fatos que não são contados nos livros – *o outro lado da história*. A vida dos índios no Brasil-colônia (a partir da visão deles e não dos portugueses); a escravidão e a posição dos negros hoje em nossa sociedade (o preconceito); o êxodo rural e a chegada dos nordestinos ao Sudeste; a questão política do analfabetismo, etc. Enfim, validar toda uma história de exclusão que nada mais é do que a nossa própria história.

Temos uma história constituída por: ‘Dois Brasis’, ‘oficial e real’, ‘Casa Grande e Senzala’, ‘o tradicional e o moderno’, capital e interior, urbano e rural, cosmopolita e provinciano, litoral e sertão, assim como os respectivos ‘tipos’ que os habitaram e os constituíram. (CURY, 2002, p. 28).

Será que já raiou a liberdade/ Ou se foi tudo ilusão?
Será que a lei áurea tão sonhada/ Há tanto tempo assinada
Não foi o fim de escravidão/ Hoje dentro da realidade
Onde está à liberdade/ Onde está que ninguém viu
Moço. Não se esqueça que o negro
também construiu / as riquezas do nosso Brasil.

Hélio Turco, Jurandir, Alvinho²

Ensinar, *desligando* o homem social de seu tempo e do seu espaço, não propicia ao sujeito a oportunidade de pensar a sociedade em suas tarefas diárias, não apresentando nenhuma – ou quase nenhuma – aplicabilidade em sua vida real e impedindo a ligação entre a História e a Geografia escolar e a História e a Geografia real.

É preciso reconhecer a existência de um saber histórico e geográfico próprio do aluno, um saber que está diretamente ligado com sua atitude

² **CEM Anos de Liberdade: realidade ou ilusão.** Disponível em: <<http://www.samba-choro.com.br/sc/tribuna/samba-choro.0011/0931.html>>.

e seu pensar, respondendo sempre ao seu caráter social, aos seus objetivos, de um todo integrado, presidido por um determinado modo de produção, em decorrência do qual o tempo e o espaço são organizados desta e não daquela maneira.

Entender como se dá essa organização é imprescindível para que se construam posturas críticas diante do mundo do trabalho, no qual a maioria dos alunos está inserida. Por isso, é importante que o jovem e o adulto compreendam como funcionam as estruturas sociais e que sejam capazes de fazer pontes destes conhecimentos para a realidade em que vivem.

TRABALHO, TRABALHA, TRABALHADOR...

*Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima.*

Chico Buarque de Holanda

Cada sociedade tem um modo próprio de organizar a divisão do trabalho e é através dele que os homens se relacionam com a natureza e com os outros homens. A organização do trabalho possibilita o conhecimento da organização social, política, ideológica, espacial dessa mesma sociedade.

Se pararmos para pensar, poderemos perceber que passamos a maior parte do nosso tempo diário trabalhando ou fazendo algo em função do trabalho, fato este que influencia a maneira de ser e de agir das pessoas. É importante refletir sobre o caráter nem sempre prazeroso do trabalho, pois nem todas as pessoas trabalham em atividades que escolheram ou que gostam. Alguns fatores que contribuem para isso são: não haver identificação pessoal com aquilo que realizam por necessidade ou por não existir outra opção de trabalho.

Na modalidade de EJA, é fundamental que as relações de trabalho façam parte do planejamento curricular, já que estão relacionadas à vivência destes alunos. É preciso ressaltar que a escolaridade não garante o acesso a este trabalho e nem a ascensão sócio-econômica. Apesar disto, acreditamos que a proposta pedagógica do PEJA, que visa a formação integral de seus alunos, pode contribuir para seu desenvolvimento enquanto sujeito social, o que, conseqüentemente, é refletido em suas práticas profissionais e de convivência humana.

Observando a trajetória do trabalho, percebemos o quão está relacionada à história da sociedade e como as atividades produtivas vêm sendo transformadas de acordo com o tempo, o espaço e os interesses políticos e econômicos nelas envolvidos.

Da cultura artesanal ao mundo tecnológico dos nossos dias um longo caminho foi percorrido. Novas formas de viver, novos valores culturais. Introduziram novas relações de trabalho nas diferentes sociedades. Muitas destas relações nem sempre foram sustentadas pela justiça e pela solidariedade e acabaram gerando formas de exploração das pessoas pelas pessoas, verdadeiras formas de escravidão. (MULTIEDUCAÇÃO, 1996, p.119).

A história não é neutra, já que depende da visão de mundo de quem a conta. Seus questionamentos são sempre influenciados pelo momento vivido. Do mesmo modo, os espaços geográficos em que vivemos são também constantemente modificados pela interferência dos indivíduos que o ocupam e, desta forma, o conhecimento histórico-geográfico deixa de ser uma verdade absoluta e pronta que os alunos devem observar, para se tornar uma contínua recriação que precisa também ser feita por eles a partir de suas próprias experiências.



Alunos do PEIA em apresentação na EXPO PEJA 2005

TRABALHAR HISTÓRIA E GEOGRAFIA NO PEJA: TRILHANDO OS CAMINHOS DA PRÁTICA

Se, em essência, o passado como tal é um dado imutável o seu conhecimento, a partir do presente, jamais o será.

Moreno e Júnior

Tanto o estudo da História como o da Geografia deve estar vinculados aos fatos que fazem sentido às vidas desses alunos. Mas isso não é fácil, não existe receita pronta.

De Vargas (2004) nos dá pistas quando destaca a necessidade de conscientização e descoberta, por parte do professor, dos saberes já formulados por esse aluno adulto, em suas relações de trabalho. Esse caminho só será possível se o professor estiver disposto a uma atitude de escuta do aluno, e é fundamental que respeite os processos de educação que estão fora dos espaços escolares.

O ponto de partida para esse caminho é o de entender que o conhecimento só se constrói com o resgate da história da cada um, quando ele percebe que a história de sua vida está vinculada às transformações do espaço e a momentos históricos. Fazendo-o entender e, assim, construir seu próprio conhecimento, através de suas memórias. Com isso, os alunos da EJA deverão se compreender enquanto narradores e atores de suas histórias, das histórias de seus ascendentes, da história que deve ser valorizada, tanto quanto a História ou a Geografia trazida nos livros.

Na verdade, se dizer a palavra é transformar o mundo, se dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas um direito dos homens, ninguém pode dizer sozinho a palavra. Dizê-la sozinho significa dizê-la para os outros, uma forma de dizer sem eles e, quase sempre, contra eles. Dizer a palavra significa, por isso mesmo, um encontro de homens. Este encontro que não pode realizar-se no ar, mas tão somente no mundo que deve ser transformado, é o diálogo em que a realidade concreta aparece como mediadora dos homens que dialogam. (FREIRE, 1987, p. 15).

Estudantes e professores encontramos num mesmo mar de dualidades no qual há tão poucas certezas e onde conceitos, antes tão explicitamente definidos, são fragmentados. Valor, tempo, gênero, espaço, família, sociedade, cultura, trabalho e identidade são alguns destes conceitos. Conseqüentemente, um modelo educacional desvinculado desta realidade não afetará positivamente nossos alunos.

Os alunos do PEJA têm características específicas e precisam de um olhar e de uma escuta específicos. Cabe aos professores, em seu fazer docente cotidiano, propiciar momentos de partilha, em que a escuta e a expressão dos alunos sejam atitudes que se complementam. Essa nova perspectiva docente pode ser entendida, na busca de uma redefinição da prática pedagógica, como campo do conhecimento teórico e prático.

Justamente para continuar buscando sua identidade como campo relativamente autônomo de conhecimento, ela precisa incorporar os desenvolvimentos científicos e tecnológicos, as mudanças no mundo do trabalho, as novas práticas e movimentos sociais, os fenômenos interculturais, as demandas sociais pela paz, solidariedade e preservação ambiental em função de mais humanização, devendo-se alimentar do diálogo e da troca com outras disciplinas e outras realidades. (LIBÂNEO, 1999, p. 186).

Novaski (1986) explica que a palavra educar, em sua essência, refere-se à relação humana: um leva o outro, mutuamente. O conhecimento é ampliado e não justaposto, há acúmulo de experiências enriquecedoras. O ambiente escolar do PEJA deve ter isto com um de seus princípios, oferecendo um espaço de desenvolvimento e convivência humana, que se constrói através de relações dialógicas.

Tempo, espaço, memória, cultura e identidade tecem a rede inquietante de fatos que constroem a vida em sociedade, fortalecendo os laços culturais e estabelecendo uma visão a respeito dos acontecimentos do mundo, no qual se é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto das mudanças, responsáveis por escrever as páginas da história da sociedade atual e, em parte, das sociedades futuras.

Fecharei as portas do tempo
Guardarei a fantasia do ontem.
Parem o tempo
Não quero apodrecer
Não guardem o sorriso ao agora
Sorriam!
Deixe que a cortina caia sobre os palcos
sem demora
E no segundo seguinte estejamos
No ato de transformação.
Não posso parar o tempo nem trocar
minha fantasia.
Minha maquiagem é perfeita
Aceitem esse sorriso largo
E não se percam nesta vida.
Descubram o dom de viver
Que clama
Corram através dos caminhos
Pedindo implorando esperança.
Não deixe que as cinzas
Apaguem os seus ideais.

Alexandro de Brito Tavares – CIEP Patrice Lumumba – E/3ª CRE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. Ação Educativa. **Proposta Curricular Educação para jovens e adultos: Ensino Fundamental 1º. Segmento**. São Paulo/Brasília: MEC, 1988.

CARRANO, P. C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Revista Movimento**. Niterói, DP&A, maio 2000a, p. 11-27.

_____. Identidades juvenis e escola. **Revista Alfabetização e Cidadania**, publicação da Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil, p. 5, 2000b.

COSTA, R. Topologia e memória. **Revista TB 95**, out-dez, p. 87-93, 1988.

CURY, C.R.J. Parecer CEB 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, L. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DE VARGAS, S. M. Currículo e Educação de Jovens e Adultos. In: COLÓQUIO LUSO BRASILEIRO DE CURRÍCULO, 2., 2004, Rio de Janeiro. Mesa Redonda. Trabalho não publicado.

_____. Migração, diversidade cultural e educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação & Realidade** – FACED/UFRGS. Rio Grande do Sul, v. 28, n.1, jan./jul. 2003.

DISTANTE, C. Memória e Identidade. **Revista TB 95**, out-dez, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Globo Ciência**. São Paulo, 1994.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GLENISSON, J. **Iniciação aos Estudos Históricos**. São Paulo: DIFEL, 1979.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

MORENO, J. C. M. e JUNIOR, A. F. **História**. São Paulo: IBEP, 2001.

NOVASKI, A. J. C. Sala de Aula: uma aprendizagem do humano. In: MORAIS, R. **Sala de Aula, que espaço é esse?** Campinas: Papirus, 1986.

REDEH. Rede de Desenvolvimento Humano. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria da Educação e Desporto. **Manual para Alfabetização de Jovens e Adultos**, 1999.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação: Núcleo Curricular Básico**. Rio de Janeiro, 1996.

SANTOS, B.S. A construção multicultural da igualdade e da diferença. **Oficina do CES – Centro de Estudos**, Coimbra, n. 135, jan. 1999.

VESENTINI, J. W. Geografia crítica e ensino. **Revista Orientação**, n. 6, Instituto de Geografia – USP, p. 53-58, 1985.